



Alberto Tadeu Martins Cardoso

Docente do Departamento de Engenharia
Química da UFPR



SOBRE



A entrevista com o **Professor Me. Alberto Tadeu Martins Cardoso**, também conhecido como professor Tadeu, revela sua trajetória acadêmica e profissional. Possui graduação em Engenharia Química pela USP (1981), Graduação em Licenciatura Plena em Disciplinas Especializadas para Ensino Técnico (Química) pela UTFPR (1989) e mestrado em Tecnologia Química pela UFPR (1995).

Desde 1987 é professor do Departamento de Engenharia Química da UFPR, atuando no regime de 40 horas sem dedicação exclusiva, onde leciona várias disciplinas e coordena dois projetos de extensão: a EPEQ (Escola Piloto de Engenharia Química) e o Aprendendo e ensinando: discentes na Engenharia, docentes nos Cursos Técnicos.

Além de suas atividades acadêmicas na UFPR, ele leciona Química para o ensino médio na Sociedade Educacional Positivo e coordena o cursinho pré-vestibular gratuito da ONG Formação Solidária.

INFORMAÇÕES DE CONTATO:



tadeucc@ufpr.br



Currículo Lattes



Departamento de
Engenharia Química



REALIZAÇÃO:

**PEQS - PROJETO DE EXTENSÃO ENGENHARIA QUÍMICA NA
SOCIEDADE**





Bom, sendo sincero, eu não tenho paixão pela Engenharia Química. Sempre gostei de matemática, física e química, tanto que minha maior nota no vestibular foi em química, mas eu escolhi Engenharia Química no chute. Era o último dia de inscrição, eu estava voltando para casa e tinha que escolher uma profissão. Como eu sempre tive mania de olhar as placas de carros, passou um carro, eu vi a placa e somei os números, quando cheguei em casa, olhei a lista de profissões, contei até o número que a soma tinha dado e o curso correspondente era Engenharia Química. Então fui lá, e me inscrevi. Pior que é verdade, apesar do meu curso técnico no ensino médio ter sido em química e eu já ter uma certa ideia, não foi isso que me fez escolher o curso.

O meu curso no ensino médio era dividido em áreas, eu fui para exatas, então quando fui escolher o que iria fazer na faculdade, só tinha ideia que eu ia para exatas ou alguma engenharia. Eu fiz minha graduação em São Paulo, na USP (Universidade de São Paulo), e lá você não entra em Engenharia Química, entra em engenharia. Então o primeiro ano é igual para todo mundo e no final deste ano, pelas notas e outros critérios, você escolhe para qual engenharia vai, coloquei Engenharia Química e fiquei.

Mas a minha cabeça não é 100% Engenharia Química. Eu fiz outros cursos, como licenciatura e filosofia também. E se eu fosse fazer um curso hoje, me conhecendo melhor, eu faria letras, história ou jornalismo, não faria engenharia.

Nada contra, é um curso muito legal, muito bom e completo, porém, hoje tenho a ideia que a minha cabeça é muito mais “humanística” do que “engenheirística”. Não quero desestimular ninguém, embora eu gostei muito mais quando estudei filosofia ou licenciatura.

Você já comentou que estudava em São Paulo, na USP, e nós vimos que você ganhou alguns prêmios, uma bolsa de estudos para os melhores formandos e melhores alunos da cidade de São Paulo.  Você pode comentar um pouco sobre isso?

Esse prêmio da prefeitura, melhores alunos da cidade de São Paulo, eles pegavam alguns alunos que tiravam a nota mais alta em cada colégio. Eu lembro que fiquei bravo porque estava com meus tios na praia, aí mandaram um recado que era para voltar para a cidade de São Paulo para ganhar esse prêmio, eu fiquei bravo, pois era criança e eu queria estar na praia.

Mas aí lembro que eu ganhei isso na oitava série, seria hoje o nono ano, e um dos prêmios era uma “biblioteca”. Ganhei uns 50 livros, o que achei legal porque sempre gostei de ler e antes eu lia várias vezes o mesmo livro, não tinha condições para comprar novos.

Já a bolsa de estudos para os melhores formandos é quase a mesma coisa. Quando me formei na USP, tinha um convênio, agora não me lembro bem, mas acho que era com a empresa Catex (empresa de tecidos), que pegava o melhor aluno de cada engenharia e dava uma bolsa para fazer mestrado na Inglaterra.

Eu não fui o primeiro selecionado, foi um grande amigo meu. Ele ganhou a bolsa, mas ele não quis, daí passou pra mim e eu também não quis, porque eu não sabia como funcionava. Me arrependi, deveria ter ido, porque uma bolsa para estudar na Inglaterra não é todo dia que você ganha, né? Também não fui porque eu já tinha começado a trabalhar, tinha outros interesses pessoais meus aqui no Brasil e ia me complicar a vida se eu saísse. Então eu recusei.

Sabemos que você dá aula para escolas, cursinhos e por isso
queríamos saber: qual a diferença entre dar aula para ensino
médio, cursinho e faculdade?



Essa é uma pergunta que eu já ouvi várias vezes, mas eu sempre me embanano para responder, porque é difícil. Em termos de conteúdo, o ensino médio e cursinho exige pouco, por exemplo: ácido, base, reatividade, nada muito complexo. Então você tem que saber o básico, claro que você precisa se manter atualizado para ver o que está caindo nos vestibulares, mas assim, não é nada muito complicado, dá para tocar tranquilo.

A universidade é diferente, você tem que ter bastante conteúdo. Vamos supor que eu vou dar uma aula de um assunto que eu nunca dei, eu talvez gaste 10 horas para preparar 1 hora de aula. Tem um ditado da pedagogia que a gente falava quando eu fiz licenciatura: **“O professor nos 3 primeiros anos dá o que ele não sabe. Nos próximos 3 anos, ele dá aula do que ele sabe e depois de uns 8 anos ele dá aula do que os alunos precisam saber”**. Esse é um princípio bom para a gente pensar que a universidade exige muito mais conteúdo, exige uma sequência de assuntos, que eu percebo que é uma coisa que nem todo mundo faz.

No ensino médio e no cursinho, principalmente no cursinho, existem 250 alunos em uma sala onde você precisa manter a atenção do pessoal por 40, 50 minutos. Isso é mais difícil, principalmente hoje em dia, que a molecada é acostumada a olhar celular e tablet.

Na universidade, eu tento ser didático, porque eu imagino que as pessoas sejam mais maduras, que estão lá não para passar de ano, e sim para aprender.

E você diria que você tem alguma preferência?



Eu adoro dar aula! Eu falei isso na sala inclusive. Quando eu estava fazendo tratamento de dente, algumas vezes eu ficava 2 horas na cadeira do dentista e eu desenvolvia questões enquanto estava lá.

Eu não gosto dessa parte burocrática da universidade, especialmente preencher relatórios. Como professor coordenador da EPEQ sempre tenho que fazer relatórios. Então, o chato da universidade são essas burocracias.

Agora, no cursinho, não tem burocracia, Claro, preciso preparar prova ou simulado, e essas coisas obrigam você a se manter atualizado, olhando sempre os vestibulares das universidades, o que eu não acho muito legal. Mas fora isso, é bem menos burocrático que a universidade.

Você comentou que ama dar aulas, então você incentivaria outras pessoas, seus alunos por exemplo, a iniciarem na docência?



Para quem quer e gosta sim, tanto que os dois projetos de extensão que eu coordeno tem a ver com ensino: a EPEQ e o Aprendendo e Ensinando. Então, acho que a resposta é sim, mas o que nós vemos é que muita gente leciona não porque gosta de dar aula, mas sim porque, no caso da universidade, gosta de pesquisa e não tem outro lugar melhor para fazer pesquisa do que a universidade. Infelizmente, eu já ouvi de muitos professores: “puxa, a universidade é muito boa, pena que tem aluno e precisa dar aula”.

Então, eu acredito que precisa incentivar aqueles que querem dar aula. Não virar professor porque não tem outra opção, mas incentivar quem pensa em escolher essa carreira. Então nesse sentido, sim, eu incentivaria os alunos a serem docentes. Na EPEQ e no Aprendendo e Ensinando nós desenvolvemos isso.

Entre os 3 pilares da universidade, ensino, pesquisa e extensão, qual deles você gosta mais?



Ensino. Todos são importantes, claro, mas eu prefiro o Ensino!

Quais foram as suas motivações para fundar a EPEQ?



Não fui eu que fundei, foi um aluno, o Éverton Van-Dal. Basicamente, o Éverton estava fazendo um intercâmbio na França, em um escritório de projetos. O chefe dele pediu para ele, que estava fazendo o projeto da planta de uma unidade, fazer a integração energética para economizar o máximo de energia. Ele fez, mas como isso não era bem ensinado no curso, a integração energética não ficou bem feita, e ele entregou assim. O chefe perguntou se ele não tinha aprendido a fazer integração energética e ele respondeu que não. Então o chefe entregou para ele um livro sobre esse assunto. Aí o Éverton pegou o livro, que tinha umas 600 páginas, aprendeu sobre o assunto, aplicou no projeto que estavam desenvolvendo e deu certo!

Depois disso ele pensou: “Se eu peguei uma coisa que eu nunca vi, estudei e aprendi, por que os outros alunos também não podem fazer a mesma coisa?” Então, ele trouxe essa ideia para mim quando voltou do intercâmbio, sem pensar em tornar isso um projeto de extensão. Ele pensou em uma atividade para a Engenharia Química em que um grupo de alunos estudasse um assunto atual, não abordado na graduação, e depois organizasse um curso sobre. Eu respondi que achava uma ideia legal, mas como eu já trabalhava em três lugares na época, deixei passar.

Depois de um tempo, ele veio me procurar de novo e me lembrar da ideia e foi aí que começamos a organizar. Ele chamou uns amigos que gostavam dessa ideia de não se limitarem às aulas e, então, montamos o primeiro grupo da EPEQ. Foi o Éverton que deu a ideia do nome. Na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) já existia uma escola piloto de Engenharia Química que tinha essa mesma ideia, só que lá são os professores que ministram as aulas.

A nossa audácia, eu diria, é que quem dá as aulas aqui são os alunos, eu tento ajudar, dou orientações e tal, mas quem dá aulas, quem organiza tudo são os próprios alunos.

Assim nós começamos, e aí logo já foi organizado o primeiro curso, que foi justamente desse assunto que ele estudou, de Integração Energética por Análise Pinch. Uma semana antes de darmos o curso, já com as coisas estruturadas, veio uma greve e parou tudo, isso nos deixou em dúvida se íamos ou não continuar. Fizemos uma reunião e decidimos seguir, esperando o pior. Mas no dia as pessoas gostaram e foram.

Por isso fomos além! Já faz 12 anos que a EPEQ surgiu, mas só no ano seguinte que foi oficializado, porque na época a ideia era juntar o grupo de alunos e estudar para difundir conhecimento, mas em 2013 a gente oficializou o projeto de extensão e estamos até hoje.

Mas repito, sempre faço questão de dizer que a ideia não foi minha, foi do Éverton.

Como você falou, já faz 12 anos que está na EPEQ. Como ainda se sente motivado a continuar sendo o professor coordenador? O que te motiva continuar?



Tem pelo menos 2 pontos que me motivam, um deles é o crescimento dos alunos. Eu já vi muitos alunos se desenvolverem demais na EPEQ.

Eu lembro de uma menina que quando entrou na EPEQ, ela já era boa aluna e esforçada, mas extremamente tímida, nem olhava nos olhos para conversar, e hoje, ela é quase gerente de uma empresa. Ela sempre fala que ela se desenvolveu na EPEQ porque foi obrigada a dar aulas, a enfrentar uma sala de aula, então ela cresceu nesse aspecto. Estou dando um exemplo, mas podia dar muitos outros. Fico muito feliz quando vejo isso, principalmente o crescimento pessoal ou as soft skills. A segunda coisa que me motiva é que a EPEQ da UFPR foi a primeira do Brasil e hoje já existem mais de 13 escolas pilotos espalhadas pelo país. Já chegamos a ter 16 EPEQs, mas na pandemia algumas fecharam, não conseguiram ir para frente.

Então isso é uma coisa que me estimula, saber que essa ideia que nasceu aqui já está bem espalhada por aí. Por exemplo, a Escola Piloto lá da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) é ótima, eles são super ativos, estão sempre fazendo atividades, cursos, palestras e visitas. A do Ceará, a segunda do Brasil, também faz bastante coisa. A gente organizou o primeiro ENEP (Encontro Nacional de Escolas Piloto) em 2017, aqui em Curitiba, o segundo foi em 2019 lá em Fortaleza.

Agora, com as horas de extensão obrigatórias que os alunos precisam para se formar, fico feliz que finalmente eles perceberam que, como diz a música: “Samba não se aprende na escola”, ou seja, tem muita coisa que não se aprende na universidade. Essas coisas não tem matéria para ensinar, mas é bom para os alunos, vai ajudar daqui a pouco na vida profissional deles.

O Brasil precisa de gente competente, cada vez mais as pessoas são menos competentes e isso faz falta.

Como está a sua relação com a EPEQ hoje em dia? Quais suas funções principais como professor coordenador?



Apesar de eu ser o professor coordenador da EPEQ, a gente tem essa visão de que são os alunos que fazem o trabalho. Às vezes, oriento eles sobre algumas coisas, mas eu tento não atrapalhar. Sempre falo, a EPEQ é muito democrática, lá não tem hierarquia nenhuma. Não tem diretor ou coordenador, tudo é horizontal, o meu voto e o voto de todos os alunos é o mesmo.

No começo da EPEQ eu participava de todas as reuniões. Toda segunda, quarta e sexta na hora do almoço eu ia. Hoje eu participo de algumas só, dependendo do assunto que vai ser abordado eu apareço lá, mas claro, apesar de não ir em todas as reuniões, eu estou sempre acompanhando o que está acontecendo.

Além disso, tem o lado festivo que é bom, sempre que entram membros novos a gente faz um churrasco aqui em casa e convidamos os ex-membros.

Essa última vez vieram vários que foram da EPEQ, o Éverton veio de São Paulo só para participar do churrasco, o Fressato que está numa empresa de papel, o Fredinho que também está em uma indústria, ou seja, é legal ver as pessoas que já estão formadas há alguns anos. Eles contam sobre o trabalho deles, assim nós podemos ver os conhecimentos adquiridos na EPEQ e na sala de aula sendo aplicados.

Você também tem um outro projeto de extensão, o Aprendendo e Ensinando. Pode comentar um pouco sobre?



Uns anos atrás, tinha um aluno, o Guilherme Vaz da Silva, mais conhecido por Caríssimo, que foi um dos melhores alunos que a gente já teve no curso, não só pelas notas, mas ele era um cara super ativo, empenhado e muito simples.

Ele fez o ensino médio no curso de Petróleo e Gás no SEPT (Setor de Ensino Profissional e Tecnológico da UFPR) e por ser um curso técnico, precisa ter disciplinas técnicas como: termodinâmica, tubulações, refino de petróleo, operações unitárias, etc. E até um tempo atrás, lá só tinha professores de ensino médio, não professores com formação técnica para dar essas outras matérias. Não era algo organizado e legal para os alunos, e para um curso técnico saber essas disciplinas é fundamental, é preciso ao menos ter uma noção básica.

Enfim, o Caríssimo fez parte da EPEQ, pegou o propósito de lá e trouxe a ideia de preparar os alunos de Engenharia Química e levá-los até o curso de petróleo e gás para dar a matéria de Operações Unitárias.

No momento, eu achei uma ousadia, porque é um curso regular em que a gente dava disciplina como um curso de extensão para poder suprir o que eles não tinham. Então começamos, escrevemos apostilas, preparamos as aulas e aplicamos um curso de extensão. A ideia deu muito certo, aplicávamos um curso por ano. Os alunos que tinham dificuldades e os vários alunos de lá que depois vieram fazer Engenharia Química nos contam que gostaram muito e que isso os ajudou bastante.

Uma coisa que era muito legal era que a diferença de idade entre quem dava as aulas e quem assistia era pequena, isso ajudava a cativar o interesse da molecada, porque os professores, no caso os alunos que davam as aulas usavam uma linguagem mais próxima e tecnologias diferentes, então existiam essas facilidades.

Então, alguns anos atrás, esse curso de extensão se tornou um projeto de extensão porque queríamos expandir o número de disciplinas ofertadas, não dar mais só operações unitárias, queríamos abranger mais matérias técnicas.

Nesse período, entraram outros dois professores no projeto, a professora Isabel Romero Grova Wutkiewicz (Coordenadora do Curso técnico de Petróleo e Gás na época) formada em Engenharia Química e um professor que era engenheiro mecânico, e começaram a ministrar algumas disciplinas mais técnicas no SEPT.

A ideia deu tão certo que o diretor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) veio conversar com a gente para irmos dar essas disciplinas lá, porque eles também tem o mesmo problema que o SEPT, a falta de professores para as matérias técnicas. Nós queríamos muito atingir eles, expandir o projeto, mas não conseguimos porque, para isso, precisaríamos que mais alguns professores do DEQ (Departamento de Engenharia Química) entrassem no projeto, mas ninguém se habilitou para tal. Além disso, o SEPT é do lado do Politécnico, o deslocamento pode ser a pé. Em 10 min o aluno está lá, já o IFPR é no centro, como o aluno vai se deslocar até lá? Como vamos pagar esse deslocamento? E encaixar a grade de aula dele para que ele não seja prejudicado por estar indo até o centro? Parece besteira, mas esses detalhes são muito importantes e fazem a diferença. Então a gente tem essa perspectiva de crescer, mas no momento não temos recursos para isso, precisaríamos treinar mais alunos, mais professores no projeto, planejar o deslocamento... Eu tentei pegar isso, mas não consegui. Então nós continuamos ali no curso de Petróleo e Gás do SEPT, mas gostaríamos de ser mais abrangentes.

Você participa de atividades ou projetos além da Universidade?



Bom, além da UFPR e do cursinho particular, eu trabalho em outro cursinho, o Formação Solidária, que é voluntário, onde sou coordenador. Ele é para pessoas que não têm condições de pagar um cursinho particular ou qualquer outra coisa que ajude na preparação para o vestibular, ou seja, ajuda pessoas em fragilidade econômica.

É uma coisa que me traz muita alegria, faz uns 18 anos que estou lá!. Até pouco tempo atrás eu dava aula, agora estou só na coordenação porque apareceu gente para dar aula e decidi me dedicar mais à coordenação. Então eu coordeno com os professores, faço planejamento, cuido do lado didático, pedagógico e resolvo os contratempos que aparecem.

É muito legal ver essas pessoas entrarem na universidade, porque foi o meu caso, eu fui o primeiro da minha família a me formar, a fazer uma faculdade. E eu vejo muitos casos desse, pessoas que não tinham essa perspectiva de ir além e que foram além. São todos muito esforçados, já que as aulas são noturnas e também no sábado de manhã, às vezes sábado à tarde.

Enfim, são situações que fico pensando nos frutos, e isso é muito gratificante!

Quais outros projetos de pesquisa você realizou? Existe algum motivo de você preferir outros pilares do que a pesquisa?



Eu não diria que não gosto, mas que não tenho jeito para isso. Para ser bem sincero, eu acho que eu posso ajudar muito mais na formação das pessoas, como desenvolver habilidades, responsabilidades e iniciativas.

Eu gosto mais das coisas práticas, aplicadas, e vejo que infelizmente muitas pesquisas que deviam ser mais aplicadas não são, é pesquisa pelo pesquisar. Mas claro, quando eu fiz mestrado, fiz uma pesquisa que, na verdade, foi a continuação de uma de um professor do nosso departamento e lá do curso de Bioquímica, o Professor João Batista. Ele tinha o sonho de que aquilo que ele descobriu lá na pesquisa, ou seja, em pequena escala, fosse levado para uma indústria.

Ele sempre quis isso, mas acabou falecendo antes. Em consideração a ele, alguém que eu gostava muito, falei que iria continuar a pesquisar aquele assunto. Então eu fiz e gostei.

Depois de um tempo, me envolvi com o pessoal ali do NPDEAS (Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Energia Autossustentável) com uma pesquisa com microalgas para produção de biodiesel. Então eu também fiquei um tempo lá, mas como tinha vários alunos de Engenharia Química, eu cuidava mais da orientação deles do que pesquisava propriamente.

Mas depois de um tempo, o tempo começou a faltar também, por isso acabei saindo da pesquisa. Acho mais importante formar as pessoas do que descobrir algo. Não interpretem como se eu estivesse desprezando a pesquisa, ela é super importante, mas eu prefiro focar na formação humana, passar ideias boas. Volto ao que eu falei no início, acho que cada um tem que descobrir o que melhor se encaixa em si próprio e desenvolver coisas a partir disso.

Sabemos que você ajuda os alunos quando eles têm alguma ideia de inovação, como a EPEQ e o Aprendendo e Ensinando. Mas existem outras coisas que você já ajudou os alunos a realizarem?



Não diretamente. Nos estágios, eu tento sempre incentivar, já tive semestre com 11 alunos fazendo estágio obrigatório na Engenharia Química. Alunos em estágio não obrigatório eu nem conto porque é mais simples e tem muito mais gente. Eu faço isso com alegria! Eu fico, no bom sentido, pegando no pé, e mais da metade dos estagiários que eu orientei foram efetivados, muitos deles antes de acabar o estágio. Não sei se conta como inovação, mas eu insisto com eles para não ficarem parados, sempre se atualizarem, terem iniciativa, fazer mais do que se pede.

Como você se sente ajudando os alunos a construírem carreiras e se desenvolverem pessoal e profissionalmente?



“Todos nós temos uma missão no mundo”, é uma frase de Dom Bosco. Eu acredito que nós fomos colocados no mundo com alguma missão, com alguma finalidade, a gente não está aqui à toa, estar aqui só por estar. Eu levo isso muito a sério, então para mim essa é a coisa mais importante da vida. Por consequência disso tento descobrir a minha missão. Porque estou aqui no mundo? Isso anima, nem sempre consigo, mas eu tento ver as almas atrás dos corpos, ver que as pessoas são muito mais, têm sonhos, têm desejos e querem ser felizes.

E nós sabemos que pra isso existe um caminho a ser percorrido e se nós professores conseguirmos ajudar as pessoas a percorrer esse caminho, é gratificante!

Tem algum assunto que você gosta de falar sobre, mas que você não teve ainda a oportunidade de dar aula sobre?



Música e literatura, são as minhas coisas prediletas. Humanamente falando, a maior frustração que eu tenho é não tocar nenhum instrumento, não cantar. Sempre falo que se eu tivesse o mínimo de habilidade, o mundo teria um professor a menos e teria um músico a mais. Eu trabalho bastante, mas pelo menos a cada 15 dias vou assistir alguma coisa de música, algum show, apresentação, nem que seja em um barzinho. E eu gostaria de dar aula sobre esse assunto, mas não tenho conhecimento para poder fazer isso.

E literatura, uma das melhores experiências que eu já tive foi ir numa feira literária de Paraty. Já fui várias vezes, são 5 dias que você passa ouvindo palestras sobre literatura e autores. O meu autor predileto é o Guimarães Rosa. Eu tenho todos os livros dele, já participei também mais de uma vez de congressos sobre a obra dele.

Então eu gostaria de ter condições de divulgar essas coisas como professor, se eu tivesse formação, de falar sobre isso, incentivar os alunos a consumirem esse tipo de literatura e música.

Uma coisa que me dói no coração, não quero ofender ninguém, é que as gerações atuais que não conhecem MPB, não conhecem Chico Buarque, Gilberto Gil, Folk, Blues, Jazz... Então se eu tivesse condições de divulgar essas coisas boas, faria isso. Eu tento valorizar a arte, a cultura em geral e se eu pudesse, adoraria poder explicar isso e divulgar essas coisas.

Quais foram os principais desafios que você enfrentou durante a sua vida profissional?



Motivar os alunos é uma coisa difícil. Eu não me conformo com alunos que chegam e falam “Professor, eu não vou fazer Introdução a Engenharia Química porque é às 7h30 da manhã e eu não acordo”!. Isso não faz sentido para mim. Hoje em dia precisa-se convencer as pessoas de que elas precisam se esforçar, que as coisas não vão cair do céu e quando eu falo “pessoas”, estou falando mais de alunos, porque tenho maior contato, mas às vezes não são só eles.

Outro desafio é pegar todo aquele conteúdo para explicar e ter que condensar ele em uma aula de 40 minutos ou uma hora, sendo que eu precisaria de 3 horas para isso, principalmente no cursinho. Lá o tempo é muito escasso porque você tem que dar a matéria de três anos de ensino médio em um.

Obrigatoriamente você fica mais superficial, precisa escolher o que falar e o que deixar para trás, e eu não gosto disso, eu gosto de aprofundar, mas chega uma hora que não tem como fazer isso. Então para mim é um desafio escolher o peso certo para dar em cada conteúdo.

No cursinho também tem o problema de que, às vezes eu olho para uma sala de aula e tem aquele aluno que não passou em medicina por muito pouco e tem aquele aluno que não sabe Pitágoras, tem aquele aluno muito bom e aquele que está se esforçando para resolver equação do primeiro grau. Não me entendam mal, não estou julgando ninguém, apenas evidenciando essa diferença de nível de conhecimento muito grande que existe e isso se torna um desafio, porque você precisa dar aula para os dois juntos.

Você precisa prender a atenção dos dois, se você fala alguma coisa muito óbvia, aquele aluno bom vai achar muito básico e perde o interesse, mas se você fala alguma coisa muito difícil, aquele aluno que não sabe nem o óbvio se perde e desmotiva.

Claro, outro desafio muito grande é melhorar a sociedade, eu sou ingênuo ainda, acho que a universidade está aqui para isso, principalmente a pública. **Também fiz universidade pública e me sinto em dívida com a sociedade para tentar retribuir aquilo que eu recebi.** E a gente tenta fazer isso, só que geralmente não consegue, pelo menos não como eu gostaria ou deveria.

E o que você diria para os alunos que estão começando a cursar Engenharia Química agora?



Se esforcem! Não se nivelem por baixo, ao contrário, se nivelem por cima! É chato falar dos outros, mas o caso do Éverton, que fundou a EPEQ, quando ele era aluno ficou sabendo de uma universidade americana, que a ideia deles é mudar o mundo, melhorar o mundo através da tecnologia. Eles tinham um programa, com alguns cursos de 2 ou 3 meses em que juntavam 60 pessoas do mundo inteiro. Ele ficou sabendo disso e se inscreveu, mas era aluno. Aí ele colocou que fundou a EPEQ, colocou umas coisas a mais e vendeu o peixe dele lá, a universidade gostou, aceitaram ele, custearam os estudos lá e ele foi estudar.

Esse é um exemplo para falar, que os alunos deveriam ter essa meta alta, não por soberba ou orgulho, mas para fazer as coisas bem feitas, saber que daqui a pouco vocês estarão atuando como profissionais no Brasil, e nós queremos que o nosso país seja melhor, não tenha tanta desigualdade social.

Então, eu gostaria que os alunos tivessem essa visão um pouco mais alta, por saber da responsabilidade que é o país estar nas suas mãos, não se limitar a fazer o mínimo, ir atrás das coisas, se atualizar, se desenvolver!

Os projetos de extensão são uma boa maneira de fazer isso, não só para os alunos retribuírem para sociedade o que aprenderam mas, também, para que os alunos desenvolvam essas habilidades e competências que já falamos. Então, seria importante que os alunos vissem isso como uma chance para eles crescerem, não como obrigação. As pequenas coisas que a gente faz tem repercussão, um projeto bem feito pode te colocar em uma indústria química, em um bom emprego.

Enfim, eu sempre aposto na educação! Para mim a educação é o fundamento, tem aquela frase: **“São os homens que mudam o mundo, mas a educação que muda os homens”**.

Por fim, pode falar algo que você gostaria que tivessem falado para você quando você era um estudante? Algum dica, uma frase ou palavra de conforto?



Minha graduação foi complicada, no sentido de que eu não vivi a universidade porque eu tinha que trabalhar, eu dava aula, fazia estágio, então isso que eu peço para os alunos fazerem.

Mas se eu pudesse voltar, eu teria vivido mais, nesse sentido de convivência e de aprendizado. Então, na época eu gostaria de ter, talvez, alguém que me dissesse isso. Apesar de que as condições não me permitiam muito.

Mas se alguém tivesse me alertado, talvez eu pudesse ter aproveitado melhor aqueles tempos, porque o tempo passa e não volta mais. Então eu diria isso, **aproveitem a universidade e valorizem-na!**

ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 27/05/2024

REDAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO:

Giordano de Mari de Vargas - Discente de Engenharia Química na UFPR

Mariana de Paula Valle - Discente de Engenharia Química na UFPR

Elaine Vosniak Takeshita - Docente do curso de Engenharia Química-UFPR

REVISÃO DO TEXTO:

Giordano de Mari de Vargas - Discente de Engenharia Química na UFPR

Mariana Machado de Almeida - Discente de Jornalismo na PUC-PR